

## TORNEIO DAS NAÇÕES AFRICANAS

# A violência afasta, o dinheiro atrai

Uma análise de três professores universitários à relação entre o futebol e o desenvolvimento económico

Texto JURGEN BRAUER,  
MANUEL ENNES FERREIRA  
e SANDRO MENDONÇA  
Foto DARKO BANDIC/AP

Antes do pontapé-de-saída inaugural já a comitiva do Togo tinha sofrido uma falta trágica. Perante um grande embaraço do país anfitrião a equipa togolesa foi retirada da competição enquanto os organizadores do mundial da África do Sul se apressavam a afastar a hipótese de algo semelhante vir a acontecer no seu território no próximo Verão.

Este infeliz evento, embora possa ser tomado como uma “inconveniente” distração face ao espectáculo global em que se tornou o futebol, deve levar sobretudo a uma clarificação de consciência. O ataque é fortemente simbólico e procura alcançar as atenções do mundo — há aqui semelhanças com o atentado nas Olimpíadas de Munique em 1972. Mais importante, este acontecimento ilustra dois padrões mais vastos: a violência (em África) empurra os melhores atletas para o fora; o dinheiro (europeu) puxa esses jogadores para junto de si.

Se analisarmos para que clubes trabalham os jogadores do torneio obtemos um conjunto interessante de observações. Por exemplo, nenhum dos jogadores dos Camarões ou da Nigéria joga nos campeonatos do seu país. Estes países têm, portanto, uma taxa de exportação de 100% do seu talento futebolístico. Dos 23 jogadores camaroneses convocados sete ganham o seu salário em França, três em Inglaterra, três na Alemanha, três em Espanha, os restantes estando dispersos pelo resto da Europa. Os nigerianos preferem a Inglaterra, onde jogam sete, os outros distribuem-se por outros campeonatos da Europa Ocidental, Rússia, Israel e Ucrânia. Outras nações africanas altamente exportadoras de talento são a Costa do Marfim (22 jogadores), Burkina Faso (21), Mali (21) e Togo (21).

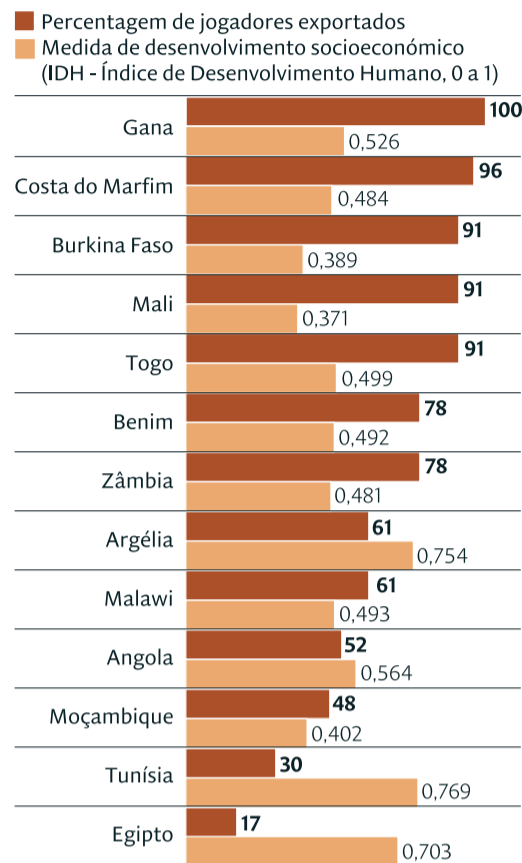
No outro extremo estão os países com maior capacidade de reter os seus jogadores de topo. É o caso do Egípto (19 de 23 atletas, ou uma taxa de retenção de 82,6%) e da Tunísia (16 jogadores, ou 69,6%).

Estes dados são instrutivos. De facto, a informação a que temos acesso revela uma clara correlação negativa entre o número de jogadores a jogar fora do seu país e o nível de estabilidade e prosperidade do seu país de origem. Isto é, em média países com melhores índices de desenvolvimento deixam escapar um menor número dos seus cidadãos. É interessante notar ainda que o Egípto, o país que mais vezes ganhou esta taça, é também o país mais capaz de importar talento das outras nações qualificadas para o torneio (seis jogadores). São poucas (cinco) as nações africanas que importam jogadores convocados para o CAN-2010 para os seus clubes. Por outras palavras, apenas 3% de todos os atletas das selecções apuradas jogam profissionalmente em outros países africanos que não os seus. Isto contrasta com o facto de que, ao todo, os jogadores destas nações jogam em 38 outros países fora do CAN-2010, desde a Arménia à China passando pela Moldávia e pelos Emirados Árabes Unidos. Ou seja, a lição é esta: comércio intra-africano continua a ser uma realidade muito exígua.

Outra análise efectuada foi o cálculo da dispersão dos jogadores exportados (países/jo-



## ATLETAS A JOGAR FORA DO SEU PAÍS



Olhando para o gráfico torna-se nítido que os países mais desenvolvidos deixam escapar menos jogadores

EXPRESSO

gadores). Em média um padrão que parece surgir é que países com melhor desempenho económico revelam uma maior capacidade de conectar o seu talento a redes mais alargadas no futebol internacional. Por exemplo, Angola exporta 12 das suas ‘palancas negras’ para oito países diferentes, exibindo uma participação muito diversificada no mercado global de futebol profissional. A Nigéria, em contraste, exporta o dobro dos jogadores que Angola, mas não para um maior número de campeonatos estrangeiros. Ou seja, há países mais capazes de tirar partido da globalização do que outros.

O país que mais importa o talento africano em exibição no torneio é, de longe, a França. Do total dos 344 jogadores africanos inicialmente convocados para o CAN-2010 cerca de 59 jogam no campeonato francês. Há aqui uma influência do passado. Ao olharmos mais atentamente descobrimos que 24,6% dos jogadores das nove antigas colónias francesas apuradas para o Campeonato trabalham para clubes franceses. O mesmo fenómeno não sucede com os países africanos historicamente ligados ao Reino Unido ou a Portugal.

Os gauleses dominam ainda em outro aspecto. Apenas uma minoria de equipas (Argélia, Egípto, Malawi, Nigéria e Tunísia) têm um treinador do seu próprio país; as outras 11 equipas iniciais recrutam-nos fora. Aqui, novamente, a pegada histórica francesa é evidente. A maior parte dos treinadores estrangeiros envolvidos no torneio (cinco) chegam, também, de França.

Quem ganhará o torneio? Apesar de tudo talvez a Inglaterra. Os rankings da FIFA de Dezembro de 2009 mostravam os Camarões, a Costa do Marfim e a Nigéria como as selecções candidatas ao título. Dos 69 jogadores destas equipas quase metade joga no campeonato inglês, um dos mais ricos do mundo.

Os autores ensinam e investigam Economia na Augusta State University, no ISEG e no ISCTE, respectivamente  
economia@expresso.imprensa.pt

A Costa do Marfim é uma das nações africanas que mais exportam talentos (22 jogadores, entre os quais Didier Drogba)